

## O contrato da prostituição viril\*

NÉSTOR OSVALDO PERLONGHER\*\*

1. Objeto e área; 2. Campo; 3. "Acontecer na rua"; 4. A pesquisa; 5. A violência do contrato.

O objeto da comunicação é descrever e analisar um tipo particular de contrato, que regra a prestação de serviços sexuais por parte de varões prostitutos (geralmente jovens e hipermasculinos) a outros varões, clientes homossexuais, em troca de uma retribuição econômica. Denominamos "prostituição viril" a esta variante de prostituição masculina para diferenciá-la da exercida por travestis (que "se simulam" mulheres). O material é recolhido no campo onde essas operações se consomem — área central da cidade de São Paulo. A partir da observação empírica, realizou-se um total de 20 entrevistas — umas "itinerantes" e outras "profundas" — a prostitutos, clientes e *habitués* ("entendidos") do mundo da noite em geral.

Agrupamos os atributos valorizados pelos atores e espectadores da transação em "séries": série de idade (prostituto jovem/cliente maduro); série de classe (mais pobre/mais rico); série de gênero (mais masculino/menos masculino), para dimensionar os mecanismos de atribuição de valor ao corpo prostituído. Num número considerável de casos, esses contratos — que estabelecem os serviços sexuais a serem prestados, local de consumação, condições de retribuição — são transgredidos, ocasionando a aparição da violência. Nossa hipótese é de que essa violência está implícita na transação e é inerente à promessa de masculinidade colocada à venda no contrato da prostituição viril.

### 1. Objeto e área

As observações que se apresentam aqui partem de uma pesquisa em andamento, subvencionada pela Fapesp, titulada O negócio do michê: a relação

\* Comunicação apresentada à XXXVI Reunião Anual da SBPC, realizada de 4 a 11 de julho de 1984, na Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo. (Artigo apresentado à Redação em 9.8.84.)

N. da R.: Tratando-se de pesquisa de campo, em moldes rigorosamente científicos, foi mantida a linguagem rude, áspera e, às vezes, contundente, inerente ao tema.

\*\* Licenciado em sociologia pela Universidade de Buenos Aires; mestrando em antropologia social no IFCH, Unicamp; professor de antropologia urbana no Departamento de Ciências Sociais da Unicamp.

(Endereço do autor: Rua Rego Freitas, 530 — apt.º B.7 — 01.220 — São Paulo, SP.)

entre o prostituto viril e o seu cliente. Começaremos elucidando os termos utilizados.

O termo *michê* tem, na gíria do “mundo da noite” paulista, uma dupla acepção. Por um lado, *fazer michê* é a expressão utilizada por quem se prostitui a respeito do ato mesmo da prostituição. Mas denomina também uma espécie *sui generis* de cultores da prostituição: varões geralmente jovens que prestam serviços sexuais predeterminados a outro varão (o cliente “homossexual”) em troca de uma retribuição econômica, sem abdicar dos protótipos gestuais e comportamentais da masculinidade. Diferenciam-se assim de outros tipos de prostitutos masculinos, como o travesti, que “passa por ser mulher” e “cobra al macho por su artificiosa representación de la masculinidad, a la que no le son ajenas las turbadoras turgencias del fetiche” (Perlongher, 1981, p. 68); o homossexual afeminado que vende seu corpo — “michê-bicha” — e de um tipo de transição, que parece estar surgindo ainda timidamente: o “michê-gay”. A aparição deste último personagem corroboraria, também neste campo, o processo de passagem do sistema relacional “macho-bicha” ao sistema *gay-gay*, mostrado no Brasil por Peter Fry (1982, p. 87-115).

Vamos referir-nos aqui especificamente ao “michê-macho” ou “michê-mesmo” nas suas relações com clientes varões — ainda que estes rapazes não desdenhem se prostituírem com mulheres, a clientela feminina é, no campo que estudamos, francamente minoritária. Cunhamos a noção de “prostituição viril” para denominar conceitualmente esta variante da prostituição homossexual. Vai-nos interessar ver como se distribuem os lugares da relação e os atributos dos atores entre sujeitos anatomicamente masculinos (e, no caso dos prostitutos, até hipermasculinos na sua aparência), através da análise de uma instância privilegiada da relação: o *contrato*.

## 2. Campo

Os dados foram tomados na área central da cidade de São Paulo, que configuraria o que um dos pioneiros da pesquisa sociológica sobre homossexualismo, Barbosa da Silva (1959), denominara, seguindo a Park, “região moral”, cuja população — que perambula mas não necessariamente mora na área — tende a se agrupar “não apenas de acordo com seus interesses, mas de acordo com seus gostos e seus temperamentos” (Park, 1979, p. 64).

Podemos traçar, *grasso modo*, os limites geográficos dessa “região moral”: Avenida Duque de Caixas, Rua Mauá, Avenida Prestes Maia, Avenida Amaral Gurgel e adjacências. Dentro dessa área, os michês ocupam alguns pontos específicos: a subárea Avenida São João-Avenida Ipiranga-Praça da República, um dos “triângulos de badalação entendida para uns, de prostituição homossexual para outros” (Chrysóstomo, 1978, p. 2); a Praça Dom José Gaspar, entre a Biblioteca Municipal e a Avenida São João; o “gueto *gay*” da Rua Marquês de Itu entre Rua Bento Freitas e Rua Rego Freitas.

Por essa zona difusa do centro da cidade, circula, sobretudo a partir das 19 horas, toda uma “marginália”: bichas, *gays*, michês, bofes, prostitutas, cafetões, travestis, maconheiros, trombadinhas, marginais etc., que desenvolvem — por assim dizer — seus ofícios, no meio de toda uma massa nômade de tran-

seuntes que oscilam entre os diversos serviços oferecidos e/ou demandados, ou simplesmente “passam” pelo local.

Há uma espécie de contigüidade entre os diversos tipos de marginais urbanos que perambulam pela “região moral”. Num mesmo espaço coexistem marginalidades que remetem a transgressões da ordem da propriedade (como delinquentes comuns) com outras que remetem a transgressões da ordem da moral (como os afeitos às diversas formas da sexualidade promíscua ou extra-conjugal). O peso da lei — representado pela intervenção policial, outra das constantes da área — costuma cair sobre ambas as formas de marginalidade. Essa contigüidade é argumentada pelo discurso policial para justificar a repressão contra os perversos sexuais. Isso repousaria numa relação de fundo entre homossexualismo e delinqüência, já assinalada por Hocquenghem (1980), e que seria uma relação estrutural entre poder policial e dispositivo da sexualidade, conforme à análise de Michel Foucault (1977).

Quando se trabalha — como Evelyn Hooker (1973) — com a noção de “mundo homossexual”, esquece-se frequentemente que esse “gueto *gay*” costuma estar — como em nosso caso — encravado no seio do “mundo da noite”. Muitos homossexuais não são marginais por motivos sócio-econômicos, mas sua homossexualidade abre as portas para uma fuga da normalidade. No seu afã de dignificação — propalado profusamente pelos movimentos *gays* — alguns homossexuais costumam abdicar desse parentesco com outras marginalidades.

Não cabe aqui desenvolver as peculiaridades locais da relação entre poder de polícia e marginalidade sexual “rueira”, as quais mereceriam uma análise mais detalhada.<sup>1</sup> Baseados na última grande *blitz* (“a Operação Richetti”, de 1980), podemos consignar dois aspectos:

- a) as intervenções policiais não são meramente “repressivas”; apontam antes a uma redistribuição e controle das populações do que a uma extirpação da zona; assim, a *blitz*, de 1980 “limpou” o Largo de Arouche e deslocou os *gays* da porta das boates (Rua Marquês de Itu);
- b) essas operações constituem uma espécie de “cruzada moral”, que implica certa “política sexual”.

Já em 1980 o mesmo Richetti esclarecia que estava contra os travestis e marginais, e não contra os homossexuais “bem-comportados”. O ex-secretário de Segurança do governo do estado de São Paulo seria mais explícito:

“O homossexual normalmente é um ser pacato — mas o travesti é uma espécie de subcultura dentro do homossexualismo (...) Homossexuais que trabalham levam sua vida normal. Os travestis são um grupo reduzido dentro dessa minoria. Isso explica por que agem com extrema violência. E para complicar a coisa, segundo estou sabendo agora pela informação de policiais experimentados, grande parte dos clientes de travestis procura o elemento masculino que neles há, não o feminino. São homossexuais envergonhados, não-assumidos, que dissimulam sua condição adotando falsa postura viril (...) O travesti fica

<sup>1</sup> Ver Fonseca (1982) e Moraes Joanides (1977).

dono do segredo deles. Estes não são problemas policiais, mas sociais, que de repente se transformam em problemas policiais.”<sup>2</sup>

Outro funcionário policial condensaria: travestis e michês “são pessoal perigoso” (Angelo, 1983).

### 3. “Acontecer na rua”

Antes de entrar na análise do contrato de prostituição viril, é preciso levar em conta o modo de circulação característico dos homossexuais que saem à rua à procura de um parceiro sexual: a “paquera” ou “deriva” (Hocquenghem, 1980). O centro da cidade se configura como um grande “mercado” sexual. Sujeitos que “baixam para o centro para ver se pinta algo”, toda uma massa que se nomadiza e recupera um uso antigo, arcaico da rua. No ato de se lançar à paquera, à deriva, à vagabundagem, parece estar implícita certa disponibilidade para o novo, o inesperado, a aventura. Um michê entrevistado chama essa disponibilidade de “acontecer na rua”:

“Se o michê virar marido de bicha, passa a morar com bicha, é uma situação em que a pessoa morre, não existe mais aventura, fluidez, a coisa de sair, aí não se sabe o que vai acontecer. O que os michês querem mais é viver, acontecer na rua. Essa é a vida como ela deveria ser, não devia ter nada marcado, horários de trabalho, nada. Na rua flui muito mais, acontecem coisas que a gente não iria imaginar, você se expõe.”

Essa condição de fluidez, de indeterminação, de “devir”, parece característica dos *boys* (como eles preferem ser chamados). Ela não se restringe à circulação: os garotos costumam oscilar entre a homossexualidade e a delinquência, entre o desejo e a violência; certa “vontade de transgressão” parece animá-los.

### 4. A pesquisa

Na área delimitada, combinamos a “observação livre” dos *pontos* de michês com a “observação participante” — interagindo com os sujeitos da prática. Realizamos, até agora, umas 20 entrevistas com prostitutas, clientes e “entendidos” do mundo da noite em geral, seguindo as próprias redes da atividade.

Podemos agrupar essas entrevistas em “itinerantes” — os sujeitos são interpelados no curso da “deriva” — e profundas.

Nossa idéia não é tanto oferecer um panorama descritivo de todas as formas e locais de prostituição viril na cidade de São Paulo — como a pesquisa de Alves de Almeida (1984). Nós nos restringimos à “prostituição de rua” e propomos uma “etnografia densa” (Geertz, 1978, p. 18-20) que, inscrevendo o negócio num contínuo de trocas desejo-dinheiro, aponte à seguinte questão: que é o que se paga e que é o que se cobra na prostituição viril? O que é precisamente o que se troca?

<sup>2</sup> Folha de S. Paulo, 24 mar. 1983, p. 20; grifo nosso.

#### 4.1 *A distribuição dos atributos no contrato da prostituição viril*

Entre o prostituto e o seu cliente estabelece-se um contrato que rege as condições da transação: serviços sexuais a serem prestados, incluindo a especificação das zonas erógenas em jogo (por exemplo, evitação da boca ou do ânus); local de consumação (hotel, apartamento, rua); condições monetárias e extra-monetárias da transação.

Essas condições costumam ser total ou parcialmente estipuladas com anterioridade ao ato sexual; certas circunstâncias podem ficar indeterminadas, mascaradas ou implícitas. O fato de que este contrato não seja, como o do masoquismo (Deleuze), escrito não diminui sua importância, nem o torna meramente metafórico. Como vamos ver, os “pontos obscuros” do contrato costumam ser fonte de violência.

O contrato da prostituição é, para Barthes (1975, p. 64), “le modèle du bon contrat”. Leo Schéer (1979, p. 166) considera que a atribuição de valor ao corpo estaria “à la racine du rituel de toute valeur”.

Trata-se, então, de um tráfico regido por um contrato “corpo a corpo”, que supõe a atribuição de um valor ao corpo próprio e/ou ao corpo do outro.

Agora, sendo as partes envolvidas no contrato da prostituição viril sujeitos anatomicamente masculinos, como se distribuem os atributos, de modo a tornar um dos participantes no negócio em ofertante de um serviço, e o outro em demandante — um em cobrador/vendedor, e o outro em pagador/comprador?

Como é esse contrato? Como se reconhecem suas partes?

Severo Sarduy pinta assim, em Baños, uma sauna-bordel, imprecisamente situada na Catalunha:

“Se asoman por la rendija, empujan, engreídos y fanfarrones, la puerta; la trusa mugriente o la toalla ya levantadas por la erección. Cuánto me das? Cuánto me das? Y después de zalamelés y regateos, a la entrada siguiente, a lo largo del pasillo color mostaza y del mediodía lluvioso (...) Cuánto me das? Alzando hasta lo risible la cifra antes los senectos — vejez, para ellos, es lo venéreo y mórbido —, o ante esos perversos exigentes cuyos divertimientos ignoran y confunden, quizá por um espejismo lingüístico con las venidas y otros vejámenes, que ejecutan indiferentes o mecánicos, ajenos, brechtianos casi (...) antes de correr, como ganados por una lepra fulminante, a la ducha más cercana, siempre helada, intermitente cuando no a secas, por reformas de estructura o penuria laboral” (Sarduy, 1982).

Entre as brumas do bordel barroco executa-se um frenético intercâmbio, cujo estribilho — “Cuánto me das? Cuánto me das? — marca o ritmo das trocas. O mercado dos corpos suarentos distribui os atores em duas séries: uma de compradores ou clientes (dotados dos atributos da senilidade, da perversão, da morbidez); outra série de vendedores, ofertantes ou prostitutos, jovens que realizam friamente a tarefa que a insinuante protuberância anuncia: “penurias laborales”.

Voltando ao nosso campo, os atributos que entram em jogo — que são valorizados — no contrato da prostituição viril podem-se agrupar, a título experimental, em várias séries:

- série de idade: mais jovem/menos jovem;
- série de classe: mais rico/menos rico (que remete à circulação do dinheiro);
- série de gênero: mais masculino/menos masculino, que remete ao desempenho sexual dos parceiros.

#### 4.1.1 Série de idade

“Não há michê velho como há puta velha”, lamenta-se W., um michê de 23 anos, que já se considera velho para o ofício. A idade clássica de exercício da profissão oscila entre os 15 e os 25 anos. Os clientes são geralmente homossexuais (afeminados ou não) de mais de 30 anos.

Essa diferença de idades coloca em jogo a pederastia. O amor sexual entre os adultos e os meninos — veja-se a análise de Schérer & Hocquenghem (1979), que postulam uma verdadeira teoria da pederastia — parece ser uma constante da sexualidade ocidental, desde os antigos gregos até hoje. A minoridade sexual e econômica dos jovens os coloca em desvantagem perante os adultos; suas relações sexuais com eles podem revestir, episodicamente ou não, a forma da prostituição (Schérer & Hocquenghem, 1977).

Um michê “ocasional”, de 16 anos, classifica os seus clientes pela idade:

“Meus clientes são em geral coroas. Coroa é um cara de 42 anos. Às vezes, tem caras de 30 que parecem de 45. Eu transo com caras de 45 que não parecem ruins (...) Ruins pelo aspecto ou pela idade. A primeira vez que eu transei eu tinha 14 anos e o cara 46. Agora tem um japonês de 30 anos, que parece de 50, que me persegue, mas eu me recuso.”

Um michê profissional indica uma diferença notória entre o tipo de clientes que o abordam para um michê “jovem” (segundo ele, de até 20 anos) e a um michê “velho” (de mais de 20 anos):

“Quando a gente é mais jovem, te pegam essas bichas loucas, atrevidas, que chegam desmunhecando e brincando. Isso porque elas têm mais confiança, acham que se o cara é novinho não vai roubar ou agredir elas. Mas quando você fica mais velho, pintam caras mais duros e então você tem que ficar mais duro mesmo. Esses caras não chegam desmunhecando, te chamam dissimuladamente desde o carro, paranóicos, sérios...”

Em regra geral, os michês costumam deixar a profissão por volta dos 25 anos. Porém há também exceções: um michê “velho” (de 35 anos) explica por que é excepcional encontrar prostitutas maduros:

“A grande maioria das bichas procura michê jovem. Mas o michê velho pode também ter sua clientela. O que acontece é que se a gente ficar muito tempo no pedaço, na vida, corre o risco de acabar se abichando, isto é, vai-se contagiando dos gestos, das maneiras de falar, dos gostos até, dos clientes — sobretudo no plano cultural, artístico, vai aprendendo coisas que antes nem ima-

ginava. Então se você quer seguir no negócio, tem que ser muito atento, cuidar os gestos, se corrigir, porque, se virar bicha, quando descobrir já é tarde.”

Este temor de “virar bicha” remete ao ponto de masculinidade, de que trataremos mais adiante.

#### 4.1.2 Série de classe

A área que estudamos é freqüentada por prostitutas de origem social baixa ou muito baixa — quando não *outsiders*. Por regra geral, o nível social dos clientes é leve ou marcadamente superior ao dos prostitutas. A miséria é freqüentemente argüida como justificativa da prostituição. Um michê profissional é concludente:

“Entre roubar ou passar fome, fazer michê é uma boa saída para o garoto pobre.”

Este aspecto não passa despercebido para os clientes. Diz um maduro industrial *gay*:

“Sabe, uma recessão econômica vai ser ótima. Você já imaginou o que vai pintar de garoto legal na praça? Escriturário, operário, tá todo mundo indo para rua, sendo despedido, não há emprego para ninguém, o jeito é se virar como michê. A viadagem tem que aproveitar a chance, viver a crise” (citado por Alves de Almeida, 1984).

Do ponto de vista do michê, o que o leva a se prostituir?

“No começo é o dinheiro, depois dá a maior confusão. No princípio, foi necessidade de dinheiro, agora eu poderia intelectualizar, mas eu parto do princípio de que a coisa é por dinheiro: eu saio à rua, eu sou gostoso e estou precisando de dinheiro, uma coisa puxa a outra.”

Mas é preciso ser cuidadoso com as análises economicistas ou de classe. O pretexto, muito comum entre os michês — “Eu faço isto por necessidade, não por vício” — constitui-se numa justificativa da atividade, que serve para encobrir o desejo homossexual. Esse funcionamento do dinheiro como pretexto faz, por outro lado, de sua falta uma necessidade. Assim:

“Depois de um tempo dá para perceber o seguinte: é certo que eu saio porque estou duro, mas também é certo que, quando eu junto algum dinheiro, gasto tudo rapidamente, para me ver na necessidade de sair novamente à rua. Saber que estou fazendo michê por necessidade me dá segurança, me excita...”

Um “entendido” de 20 anos é taxativo:

“O dinheiro funciona só como desculpa. O que o michê quer fazer é sexo mesmo, não dinheiro. Mas eles não podem dizer que gostam mesmo de transar

bicha. Se eles assumirem, então eles são homossexuais; e eles não podem suportar isso. Aliás, aí a bicha não paga de jeito nenhum. Porque o michê tem que seguir sendo machão para ser o modelo que a bicha procura.”

#### 4.1.3 Série de gênero

Já na origem da noção médico-policial de homossexualidade (o termo, como sabemos, seria “inventado” só em 1869), há uma espécie de clivagem básica, que se exprime nas categorias de passivo/ativo — bicha/macho —, “invertido subjetivo/invertido objetivo” (Ferenczi). Isso remete à mesma constituição do dispositivo de sexualidade — processo no qual aparece, “debajo del libertino, el perverso” (Foucault, 1977, p. 57).

No caso do Brasil, Fry (1982) descreveu os modos de constituição histórica dos modelos classificatórios da homossexualidade masculina, e a passagem de um sistema popular, hierárquico ou arcaico — cujo paradigma é a relação bicha (passivo)/bofe (ativo) — a um sistema moderno, de classe média urbana e igualitário: *gay/gay*. O caso da prostituição masculina seria um exemplo claro do modelo “popular” de organização dos papéis sexuais: “(...) os profissionais neste campo se dividem em ‘travestis’ e ‘michês’ que têm uma aparência bem máscula” (Fry & McRae, 1983, p. 45). Assinalemos que, na prática, parece imperar uma grande confusão — à maneira da enumeração borghesa que abre *As palavras e as coisas*, de Foucault: ambos os modelos funcionam simultaneamente, se misturam, se imbricam.

Porém a maioria dos michês de nosso campo não é ou não se considera homossexual; e esta recusa vai ao encontro da demanda dos clientes. Estes — como a maior parte dos homossexuais mediterrâneos, segundo Pasolini (1978) — “amam e querem fazer amor com um heterossexual disposto a uma experiência homossexual, mas cuja heterossexualidade não é em absoluto questionada... (donde a falta de hostilidade para com o heterossexual que aceita a relação sexual como simples experiência ou por interesse)”.

Da parte dos michês, o pretexto de “eu cobro para não passar por bicha”, abundantemente esgrimido, não é tão simples quanto parece. Por um lado, o dinheiro é o pretexto para aproximar-se à beira da “bichície” (literalmente, “encostar-se”). Por outro lado, o dinheiro obrigará os michês a manter a aparência masculina, porque é em boa parte isso — junto com a juventude — o que os clientes procuram, por isso que eles pagam.

Essa demanda de hipermasculinidade não se detém no sexual, nem no gestual; instaura toda uma “personalogia”:

“O michê é muito fechado, não pode ter uma abertura. Se for educado, sorridente, as bichas acham que ele é bicha. Ele deve-se isolar. Tem que ser sempre macho. É *escravizado pelo comportamento*. Quanto mais masculino, melhor. Não pode conversar, nem brincar, senão não gostam dele. Deve ser cinza, carrancudo, bruto, malcriado — ou gozador, do tipo malandro. Se ele não for assim, a bicha não aceita. Ele não pode ser amigo, senão inimigo, explorador. Se homem não ofende, então ele é bicha.”

Este controle da masculinidade é também exercido pelos próprios michês; diz um deles:

“A exteriorização é algo muito cuidado. De tanto estar em contato com bichas, começa-se a falar igual, vai ficando mais sensível. Daí o risco dessa coisa fora, dessa afetação fora, toma-se cuidado para isso não acontecer, para ficar masculinizado. É uma coisa consciente — mesmo no ato físico. O michê dá, e necessariamente se torna bicha fechativa — mas sabemos que isto não é assim, pode dar e continuar homem. Tem um dito aí: ‘Eu sou macho até dando.’ Mas deixar de ser homem é uma das coisas das que mais se tem medo. Entre michês mesmos tem fofocas; dizem: ‘Fulano está muito moça, Fulano está cada vez mais moça, está usando roupas de bichinha.’ Os outros michês acabam isolando esse cara.”

Os estandartes da virilidade não são meras aparências; devem-se cuidar com relação aos outros michês:

“Uma vez um cara propunha me comer e eu lhe falei: ‘Você quer me comer, e logo conta a todo mundo aí no pedaço.’ A gente não pode dar abertamente, senão os outros michês te dão o fora. O pedaço de São Luiz está dividido. Os michês bichas ficam junto à avenida, na parte da galeria, dando voltas, desmunhecando. Os michês machos ficam na parte de dentro da praça, não gostam de andar, sérios, duros...”

e com relação ao cliente, no seio do próprio ato sexual:

“Você pode até falar para um cliente que gosta de transar, só para conseguir ele, mas o risco é que depois o cara pode falar coisas do tipo: ‘Menino, mas você estava tão a fim de transar que eu fico sem graça de te pagar’ etc.”

A masculinidade como valor social — ou, melhor, sua paródia, sua impostura — estaria colocada à venda no negócio do michê. Num texto anterior, sobre a prostituição masculina na Argentina, exprimíamos esta idéia assim:

“El muchacho cobraría el hecho de rebajarse a la homosexualidad — exorcizada, maldita — cuando está socialmente investido del oficio de penetrador de hembras, sin mella en esse digno sacerdocio. El cliente pagaría por extraer de la cadena de la sexualidad procreadora un garañon entrenado para la reproducción, que desviaría sobre su cuerpo la potencia de su estirpe” (Perlongher, 1981, p. 69).

## **5. A violência do contrato**

Todo este dispositivo funcionaria transparentemente, se não estivesse lambuzado pela paixão. “No se puede repetir todos los días alto que uno cree un simple juego amoroso sin acabar tomandoselo en serio” (Genet, 1979). Assim, o contrato que se estabelece entre o prostituto e o seu cliente parece funcionar

como se estivesse permanentemente a ponto de ser transgredido. Os clientes se ufanam de “não pagar” ou “comer” o michê. Os michês, pela sua parte:

“(...) são os principais responsáveis pela violência e extorsões, sofridas pelas bichas, roubam, surrúpiam-lhes dinheiro, relógio e jóias, fazem chantagem, agridem as mariconas, matam. A quase totalidade dos 43 homossexuais assassinados no Brasil nos últimos dois anos foram vítimas de michês” (Mott, 1982).

A violência ou o roubo não necessariamente se desencadeiam, mas existem como possibilidades constantes. Como reconhece um prostituto, “em geral o michê, se puder, vai ganhar ou roubar algo”.

A aura de periculosidade que rodeia o negócio do michê, gerada já desde a literatura “marginal” (sobretudo Genet) e reforçada pelo discurso policial, costuma concretizar-se com violência.

Essa violência é constitutiva do paradigma de masculinidade, no sistema de oposições binárias macho/bicha (ativo/passivo, forte/fraco etc.). Como um dos atributos mais valorizados é precisamente essa dureza/masculinidade, dizemos que a ameaça de violência na qual ela repousa é inerente à transação, isto é: está incluída no que o cliente pederasta paga para chegar a um jovem macho.

Além do mais, essa violência é desejada. Segundo um michê, “a bicha deseja ser estuprada”. O cliente consente: “O que a bicha deseja é sentir-se como uma mulher estuprada.”

Haveria um duplo movimento: por um lado, uma teatralização, impostação que, às vezes, roça o caricatural da masculinidade; esta faz parte da “estética” do mercado. Simultaneamente a essa inflação paródica do estereótipo viril, os sujeitos “despersonalizam-se”, num processo similar à “apatia” sadeana:<sup>3</sup>

“Eu não existo, michê não existe como pessoa, só existe como fantasia do cliente. Eu jamais estou sendo eu, estou sendo o personagem que o cara quer que eu seja. O que eu faço é captar o que ele quer, é representar esse personagem. Existe uma tática para isso, é ficar frio, mentalmente branco, sem pensar em nada, aí você vai pegando o que ele quer...”

Um cliente concorda com o michê:

“Quando eu estou pagando um michê, não estou pagando uma pessoa, estou pagando uma fantasia. Por isso é que eu pago, para viver uma fantasia.”

Ligado a essa glacialidade, a esse “estranhamento quase brechtiano”, diria Sarduy, haveria um sentimento de “desprezo” (segundo o michê), de “ódio mútuo” (um cliente). Diz este:

“É uma transa de poder. Eu tenho o dinheiro, ele precisa do dinheiro, então ele faz o que eu quiser. Há um prazer sádico nisso de dominar alguém. Claro que ele pode-se rebelar, pode achar a bicha muito despótica e reagir.”

<sup>3</sup> Ver Klossowsky (1970).

Esse “reagir” assume formas violentas. Às vezes, o estouro sobrevém quando as efusões libidinais do cliente ultrapassam os limites tolerados pelo michê. Um cliente narra o incidente que viveu:

“O michê era um garotinho, estávamos nos acariciando, eu fui pegando as bundas dele e de repente enfiei meu dedo no seu cu. O cara saltou como uma fera, de pronto quebrou uma cadeira na minha cabeça. Saiu fugindo tão nervoso que deixou seu tênis aqui, para sair do prédio quebrou os vidros da porta...”

Na medida em que a violência está sempre presente, os clientes tomam infinitas precauções para evitar serem roubados ou agredidos. Alguns chamam isso de “desconfiômetro” — uma série de pequenos detalhes que permitem perceber quando o michê é perigoso ou tem más intenções.

Observamos que esse ritual paranóico, nessa perambulação compulsiva própria da deriva, todo esse trabalho preliminar, parece inseparável do gozo sexual em si, ou talvez acabe sendo até mais importante do que este.

O mecanismo de produção desse gozo percorre caminhos bastante afastados da imagem arcádica do prazer para consumir-se. Mas o interessante é precisamente esse percurso do desejo. No negócio da “prostituição dos rapazes”, o desejo parece percorrer (agenciar) todas as séries: as séries de idade, as séries de classe, as séries de gênero. Inventa, exacerba, finge, simula as diferenças entre os parceiros, exalta-as e joga permanentemente com sua dissolução, com sua confusão, entre a paixão e a morte.

Mas não se deveria esquecer um detalhe importante. Tudo o que se está procurando aqui é a produção de uma ereção, de uma penetração, de uma ejaculação. Todos esses complexos artifícios são, em verdade, artimanhas, às quais o gozo recorre para se realizar. Este negócio de michê é um negócio do desejo.

## **Abstract**

The object of the paper is to describe and analyse a special type of contract that governs the rendering of sexual service on the part of male prostitutes (usually young and hypermasculine) to other men, homosexual clients, in exchange for financial rewards. We call this type of male prostitution “virile prostitution” in order to establish a distinction between it and that engaged in by transvestites (who pretend to be women). The data has been gathered in the field where these transactions take place — the city centre of São Paulo. With empirical observation as a starting point, a series of 20 interviews, of varying depth, was held with these prostitutes, their clients and gay participants in the city’s night life. In order to provide some kind of dimension to the mechanisms of value adscription directed at the prostituted body, we grouped in “series” the attributes valued by the actors and spectators of the transactions: age series (young prostitute/mature client), class series (poorer/richer), gender series (more masculine/less masculine). There is frequent transgression accompanied by violence of the contracts which establish the nature of the sexual services rendered, where they are to be carried out, and the forms of payment.

It is our hypothesis that this violence is implicit in the nature of the transaction and is inherent to the promise of masculinity which is placed for sale in the virile prostitution contract.

### Referências bibliográficas

- Alves de Almeida, Sérgio. *Michê*. Dissertação de mestrado em psicologia social. São Paulo, PUC, 1984.
- Angelo, Assis. E o mundo está perdido. In: *Folha de São Paulo*, Suplemento Mulher, 16 jan. 1983, p. 5-7.
- Barbosa da Silva, José. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. *Revista de Sociologia*. São Paulo, 21(44), out. 1959.
- Barthes, Roland. Eloge ambíguo du contrat. In: *Roland Barthes par Roland Barthes*. Paris, Seuil, 1975.
- Chrysóstomo, Antônio. Os caubóis, seus clientes... *Lampião*. Rio de Janeiro, n. 1, maio 1978.
- Deleuze, Gilles. *Sachers Masoch y Sade*. Argentina, Ed. Universitaria de Córdoba, 1969.
- Fonseca, Guido. *História da prostituição em São Paulo*. São Paulo, Resenha Universitária, 1982.
- Foucault, Michel. *Historia de la sexualidad*. México, Siglo XXI, 1977.
- Fry, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: ———. *Para inglês ver*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- & McRae, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- Geertz, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- Genet, Jean. *Querrela de Brest*. Madrid, Debate, 1971.
- Hocquenghem, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- Hooker, Evelyn. *Homossexuais masculinos e seus "mundos"*. In: Marmor, org. *A inversão sexual*. Rio de Janeiro, Imago, 1973.
- Klossowsky, Pierre. *Sade mi prójimo*. Buenos Aires, Sudamericana, 1970.
- Moraes Joanides, Hirohito. *Boca do lixo*. São Paulo, Ed. Populares, 1977.
- Mott, Luiz. Dez viados em questão. Comunicação apresentada à XIII Reunião da ABA. São Paulo, 1982.
- Park, Robert Ezra. A cidade: sugestões para investigação do comportamento urbano. In: Velho, O., org. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- Pasolini, Pier Paolo. Desbloqueando o tabu. *Lampião*. Rio de Janeiro, n. 5, 1978.
- Perlongher, Néstor. Prostitución homosexual: el negocio del deseo. *Revista de Psicología de Tacumán*, 2(3/4), 1981.
- Sarduy, Severo. Baños. *Linden Lane Magazine*. USA, Princeton, USA, 1(3), 1982.
- Scheer, Leo. Les modèles de trafic. In: Bruston, org. *Violence et transgression*. Paris, Anthropos, 1979.
- Schéner, René & Hocquenghem, Ruy. Sur la prostitution des jeunes garçons. In: Belladonna, org. *Folles femmes de leur corps*. Paris, 1977. (*Recherches*, n. 26)
- & ———. *Album sistemático de la infancia*. Barcelona, Anagrama, 1979.

